

O agente *Paris* não gostava de ser chamado desse modo, mas apelido pega só quando a pessoa – pega vento – ou seja, se incomoda com aquilo. Ademais, a história foi contada pelo *Chico*, antigo policial da divisão que era muito amigo do *Paris*, mas era bem diferente de todos eles. Como ele era *sarrista*, ninguém sabe se é mentira ou verdade.

O *Chico* era daqueles controversos. O *Figura* o chamava de Exú da delegacia, pois resolvia tudo quanto era problema que aparecia. Ele sempre estava à frente, era o primeiro, pulava, corria “buscava vagabundo pelo colarinho” como ele mesmo dizia: Se o *cara* não viesse por bem, subia por mal. Sim, o *Chico* tinha o dedo nervoso, não respeitava ninguém e já estava jurado pela bandidagem.

Teve um fim trágico, todos acreditam, pois o corpo dele nunca foi achado.

Isso abalou o *Paris* que teve que tirar licença e demorou pra voltar a trabalhar em condições de seguir com saúde. Mas *Paris* estava bem, pegou *Elias* pelo braço e, cuidadosamente, o levou para as burocracias típicas do primeiro dia e depois o apresentou à sua cela.

— Vai dormir aqui hoje Sr. Elias, amanhã o Dr. me diz o que faremos com o Sr., ok? Tá aqui sua marmita, tem água e banheiro na cela. Boa noite!

— Obrigado, disse Elias.

De repente, um grito agudo, estridente e arranhado, de forte sotaque pernambucano ecoa pela carceragem:

— *Ráaaapaz*, não tô acreditando! O *Sinhô* tá aqui, padrinho? — Esse mundo tá perdido *memo*. Se prenderam o *Sinhô* eu nunca mais saio daqui — gritou Popó — como era conhecido o Apolinário Dutra, um dos maiores bandidos da Zona Norte de São Paulo.

Seo Elias reconheceu o *malandro*, deu um sorriso discreto e estendeu a mão para um cumprimento, mas acabou ganhando um abraço caloroso.

— Esse aqui é um dos homens mais dignos do Fontalis, mais trabalhador e gente fina que eu já conheci, disse Popó. Vai dormir na minha cama hoje e sempre. Deu cesta básica e roupa pros meus irmãos quando eu nem nascido tinha. Venha, seu Elias.

E o velho aceitou a cama. Sentou-se, se deitou e dormiu, sem comer nada. Estava cansado.

No dia seguinte, logo cedo, ele estava acordado. Eram cinco horas, horário habitual. Sentou na cama e olhou à sua volta. Popó dormia num colchão no chão e os outros se amontoavam também pelo chão e entre as camas. Popó tratava bem os velhos. Não teve coragem de tirar um outro que estava na parte de baixo do beliche com os pés inchados.

Ali era uma daquelas carceragens dos programas de televisão. Estava cheia. Cheia de gente preta e pobre e não tem dinheiro para advogado. Muitos aguardando destino, audiência de custódia e vaga em penitenciária.

Elias não gostava daquilo, mas estava resignado. Sabia de seus feitos e, se ficasse quietinho, sairia barato. Era acusado de somente cinco mortes e sabia que só chegariam nele se ele mesmo abrisse a boca e que só chegaram nele por causa do vacilo que dera em uma das obras dos jardins.

— *Filho da puta*, pensou alto, se referindo ao vigia noturno que falou o que não sabia.

— Tá bravo padrinho? Sussurrou Popó que acordou e, olhando de lado, viu o velho Elias ali, pensativo e murmurando.

— Sabe seu Elias, o povo lá da quebrada ama o Senhor. Tem gente lá que daria a vida pela sua vida e quando souberem que o Senhor tá aqui vão vir aí falar com o delegado.

— *Melhô deixá como tá*, disse Elias.

— Não tem prova de nada. É, o povo dizia na comunidade que o nosso cangaceiro vive coberto de cinza pra se esconder. Disse Popó, quase cochichando. O Senhor é o cangaceiro! O nosso cangaceiro, padrinho.

— Cala a boca. Se sabe, finge que não sabe.

— Ôxe, vô dizê o quê, ômi? Se eu dé com as língua eu me entrego. Fiz muito do trabalho que chegava na minha *orêia* e que eu achava que era seu. Sempre tive certeza de que quando o pedido chegava na minha *orêia* ele tinha vindo do *sinhô*. E era por isso que eu fazia, recebia o meu e ficava quieto. E fiz bem feito, visse? Nunca chegaram em mim por nenhum deles.

— Sua benção, padrinho!

— Que Deus, Ogum e Oxalá te abençoem, disse Elias.